

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC (FN) RAFAEL NACHARD MACIEL

A MORTE DE OSAMA BIN LADEN:

uma vitória norte-americana nos níveis político e tático?

Rio de Janeiro

2019

CC (FN) RAFAEL NACHARD MACIEL

A MORTE DE OSAMA BIN LADEN:

uma vitória norte-americana nos níveis político e tático?

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CMG (RM1) Luiz C. C. Roth

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2019

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, CMG (RM1) Luiz Carlos de Carvalho Roth, pelas valiosas orientações e incansável disponibilidade em ajudar a construir este trabalho.

Ao Capitão de Corveta (FN) Rafael Pires pelas ideias oportunas e pelas sugestões de melhoria.

Ao professor Antenor José Correa, meu segundo pai e grande amigo, por me ajudar na busca pelas fontes de pesquisa.

À minha esposa, Glauciene, e aos meus filhos Lucas e Lara, pelo amor que sempre me dispensaram e por compreenderem minha dedicação a este trabalho.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar se a morte do líder da al Qaeda, Osama bin Laden, em 2011, traduziu-se em uma vitória para os Estados Unidos da América, particularmente nos níveis político e tático. A pesquisa se justifica na legitimação do emprego de operações como a operação *Neptune Spear* na luta contra o terrorismo, a partir de seus reflexos nos dois níveis de condução da guerra adotados. Para atingir seu propósito, o trabalho inicia-se com um breve histórico da al Qaeda, sua evolução e a sua relação com Osama bin Laden, culminando nos ataques de 11 de setembro de 2001. No capítulo seguinte, estuda-se a reação norte-americana a esses ataques durante os mandatos presidenciais de George W. Bush e Barack Obama. Neste capítulo são depreendidos os objetivos políticos estadunidenses para a Guerra ao Terror a partir dos discursos oficiais desses dois presidentes, bem como o objetivo tático da operação *Neptune Spear*. No capítulo seguinte, são analisadas as mudanças sofridas pela al Qaeda e sua rede terrorista após a morte de bin Laden. Como resultado, conclui-se que a morte de Osama bin Laden não representou uma vitória norte-americana no nível político, embora o tenha representado no nível tático.

Palavras-chave: al Qaeda. Osama bin Laden. 11 de setembro de 2001. Operação *Neptune Spear*. Guerra ao Terror. Terrorismo.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Relações em rede da al Qaeda Core entre 1996 e 2000.....	35
FIGURA 2 - Relações em rede da al Qaeda Core entre 2001 e 2006.....	35
FIGURA 3 - Relações em rede da al Qaeda Core entre 2007 e 2010.....	36
FIGURA 4 - Relações em rede da al Qaeda Core entre 2011 e 2013.....	37

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AQAP -	al Qaeda na Península Arábica
AQC -	al Qaeda Core
AQI -	Qaeda no Iraque
AQIM -	Qaeda na Magreb Islâmica
CIA -	<i>Central Intelligence Agency</i> norte-americana
CRS -	Serviço de Pesquisa do Congresso norte-americano
EMA -	Estado-Maior da Armada
EUA -	Estados Unidos da América
SIPRI -	<i>Stockholm International Peace Research Institute</i>
TTP -	<i>Tehreek-e-Taliban Pakistan</i>
WTC -	<i>World Trade Center</i>

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	OSAMA BIN LADEN E A AL QAEDA	10
2.1	A ORIGEM E O AMADURECIMENTO DA AL QAEDA	11
2.2	OS ATAQUES DE 11 DE SETEMBRO DE 2001	14
3	A RESPOSTA NORTE-AMERICANA AOS ATAQUES DE 11 DE SETEMBRO DE 2001	17
3.1	OPERAÇÃO <i>NEPTUNE SPEAR</i>	22
3.1.1	Reflexos no nível político norte-americano	26
3.1.2	Resultados táticos	28
4	A AL QAEDA PÓS 2011	30
5	CONCLUSÃO	39
	REFERÊNCIAS	43

1 INTRODUÇÃO

O terrorismo tem seus primeiros registros históricos nos conflitos entre o Império Romano e os judeus, entre os séculos I e II a.C. Ao longo da história manteve as mesmas características: violentos ataques desferidos a pontos relativamente desprotegidos e de alta relevância, proporcionando grande repercussão e medo. Entretanto, o tema veio a ganhar expressiva relevância mundial após os ataques desencadeados em 11 de setembro de 2001 no território norte-americano.

Os EUA, que foram responsáveis por cerca de 40% de todos os gastos militares do mundo entre os anos de 2000 e 2001, de acordo com o *Stockholm International Peace Research Institute* (SIPRI), foram surpreendidos por uma onda de ataques que resultou na morte de cerca de 3000 pessoas (THE 9/11 COMMISSION REPORT, 2004), planejados e desferidos por um grupo, que até então figurava apenas em alguns relatórios sem grande relevância da *Central Intelligence Agency* norte-americana (CIA), denominado al Qaeda.

Como reação imediata aos chocantes ataques, os EUA e aliados iniciaram a implementação de uma série de medidas de combate e prevenção a novos ataques dessa natureza, chamada de Guerra ao Terror (2001-presente), com o objetivo de desarticular a al Qaeda e seus apoiadores.

Uma das medidas adotadas foi a intervenção militar norte-americana no Iraque, no Afeganistão e no Paquistão, denominada Operação *Enduring Freedom*¹ (2001-2014). Um dos momentos de maior relevância dessa campanha militar foi a Operação *Neptune Spear*² (2011) que culminou com a morte do líder terrorista Osama bin Laden em 2011, no Paquistão.

A partir dessa operação, o trabalho se propõe a responder a seguinte questão: A morte de Osama bin Laden caracterizou uma vitória norte-americana nos níveis político³ e

¹ Liberdade Duradoura (tradução nossa).

² Lança de Netuno (tradução nossa).

³ Nível de condução da guerra que cabe ao Comandante Supremo (EMA-305).

tático⁴? Para a elaboração de sua resposta, o estudo fluirá ora pelo nível político, ora pelo tático de forma a analisar se os objetivos políticos estadunidenses para a Operação *Enduring Freedom*, se restringindo ao combate à al Qaeda, e se os objetivos táticos da Operação *Neptune Spear* foram alcançados. A pesquisa se limitará ao período compreendido entre os anos de 2001 e 2013.

O estudo adotará como objetivos políticos norte-americanos aqueles citados nas declarações oficiais de seus chefes de estado, George W. Bush (presidente dos EUA entre 2001 e 2009) e Barack Obama (presidente dos EUA entre 2009 e 2017), emitidas oficialmente pela Casa Branca e veiculadas por meio de sua página oficial na internet. Por outro lado, os objetivos táticos surgirão a partir da análise do que foi a Operação *Neptune Spear*.

Este trabalho possui três capítulos de desenvolvimento e um último de conclusão. O primeiro capítulo de desenvolvimento abordará a origem e as principais ações desencadeadas pelo grupo terrorista al Qaeda e a sua relação com Osama bin Laden, detalhando, principalmente, os ataques de 11 de setembro de 2001 e o porquê do grupo terrorista definir os EUA como inimigo.

A resposta norte-americana a esses ataques envolveu a adoção de diversas medidas que vão desde o aumento no rigor dos controles internos de acesso e permanência no país (medidas internas) até a intervenção militar (medida externa).

O segundo capítulo de desenvolvimento apresentará a reação norte-americana aos ataques, com foco apenas no que coube à expressão militar do Poder Nacional⁵ norte-americano, tendo como ponto culminante a morte de Osama bin Laden (2011), como resultado de uma operação realizada por elementos de operações especiais norte-americanos, a operação *Neptune Spear*.

⁴ Nível de condução da guerra no qual compete aos Comandantes subordinados o emprego de frações de forças militares, organizadas segundo características e capacidades próprias, para conquistar objetivos operacionais ou para cumprir missões específicas (EMA-305).

⁵ Expressão militar do Poder Nacional – é a manifestação, de natureza preponderantemente militar, do conjunto das pessoas e dos meios de que a Nação dispõe e que, atuando em conformidade com a vontade nacional e sob a direção do Estado, contribui para alcançar e manter os objetivos nacionais (EMA-305).

As mudanças visualizadas na al Qaeda após o ano de 2011, seja pela morte de bin Laden ou pelo desgaste sofrido enfrentando a Guerra ao Terror, serão observadas no terceiro capítulo.

A título de conclusão, pretende-se responder a pergunta formulada analisando os reflexos políticos e táticos da operação que pôs fim a vida do líder da organização terrorista autora dos ataques que abalaram a opinião pública em 2001 e despertaram o mundo para uma ameaça até então pouco conhecida: o terrorismo.

2 OSAMA BIN LADEN E A AL QAEDA

Os valores, as percepções e as crenças variam de acordo com as sociedades⁶. Alguns aspectos ganham mais relevância que outros de acordo com a região na qual os fenômenos ocorrem. Para entender o fundamentalismo⁷ islâmico, deve-se primeiro conhecer as origens desta civilização e abster-se de valores e crenças ocidentais.

Neste contexto, avulta de importância tomarmos como principal motivador o fator ideológico (BURKE, 2007) e a crença religiosa. Um ponto comum na maioria dos textos de historiadores que estudaram o islamismo é a ênfase dada às expressões conquista e guerra civil (ROBINSON, 2003), caracterizando uma predisposição à postura ofensiva, no sentido militar da palavra, de seus seguidores.

Embora a força motriz dos muçulmanos seja a crença religiosa, todo grupo organizado deve seguir alguma liderança e, para efeito deste trabalho adotaremos a definição de liderança prevista no EMA-137 – Doutrina de Liderança da Marinha (2013):

A Marinha do Brasil define liderança como: “o processo que consiste em influenciar pessoas no sentido de que ajam, voluntariamente, em prol do cumprimento da missão”. Fica evidenciado, pela definição, que a liderança inclui não só a capacidade de fazer um grupo realizar uma tarefa específica mas, sobretudo, executá-la de forma voluntária, atendendo ao desejo do líder como se fosse o seu próprio (EMA-137, 2013, p.1-2).

Com base nessa definição passamos a tratar de Osama bin Laden (1957-2011), filho de um dos mais ricos empreiteiros da Arábia Saudita, Muhammad bin Laden. Nascido na Arábia Saudita, se graduou como bacharel em economia pela universidade de *King Abdulaziz*⁸, instituição saudita caracterizada pelo forte fundamentalismo islâmico (ATWAN, 2008), veio a se tornar o principal líder e fundador do grupo terrorista al Qaeda.

Os alicerces ideológicos de bin Laden foram construídos e fortalecidos ao longo da sua vida acadêmica, “[...]os ensinamentos das escolas islâmicas conservadoras na Arábia

⁶ Tomamos como sociedade todo o grupo humano que habita em certo período de tempo e espaço, seguindo um padrão comum.

⁷ Qualquer corrente, movimento ou atitude, de cunho conservador e integrista, que enfatiza a obediência rigorosa e literal a um conjunto de princípios básicos.

⁸ Universidade sediada em Jeddah, cidade saudita caracterizada por ser a maior da província de Meca.

Saudita e seu trabalho com militantes no Afeganistão proveram a base ideológica para sua crença em uma reforma islâmica nas sociedades muçulmanas e a necessidade de resistência armada frente à agressão”⁹ (BLANCHARD, 2007, p.2, tradução nossa).

2.1 A ORIGEM E O AMADURECIMENTO DA AL QAEDA

A expressão “al Qaeda” pode significar a base, o alicerce, a estrutura, e pode até significar a parte mais baixa de um tipo de nuvem chamada *cumulus nimbus* (BURKE, 2007), se tratarmos apenas da tradução literal da mesma, mas não é objeto deste trabalho a etimologia dessa expressão, e sim estudarmos o grupo radical islâmico fundado em 1989 por Osama bin Laden (GREENBERG, 2007).

Durante as décadas de 1970 e 1980 ativistas islâmicos ganham força no Afeganistão com o propósito de restabelecerem o islamismo original, ou o fundamentalismo islâmico, por entenderem que essa religião havia se distanciado de seu conceito original pregado por Maomé.

No período compreendido entre 1979 e 1989, os soviéticos, motivados pela desconfiança de uma possível aproximação entre o Afeganistão e os Estados Unidos da América e sob a justificativa de que o governo afegão mostrava-se incapaz de controlar os *mujahidin*¹⁰, invadem o Afeganistão. Com a invasão soviética, os movimentos fundamentalistas islâmicos ganham força e são fomentados pelo sentimento nacionalista do povo que se consterna ao interpretar o fato como uma invasão de “infieis” às “terras do Islã” (BAKKER, 2007).

Segundo Bodansky (2001), poucos dias depois da invasão soviética, bin Laden, fortemente engajado na causa da solidariedade entre todos os islâmicos, foi ao Paquistão,

⁹ No original: “His exposure to the teachings of conservative Islamist scholars in Saudi Arabia and his work with Arab militants in Afghanistan provided the theological and ideological basis for his belief in the desirability of puritanical Salafist Islamic reform in Muslim societies and the necessity of armed resistance in the face of perceived aggression”.

¹⁰ Membros de grupos fundamentalistas islâmicos que defendem a guerra santa muçulmana em defesa da fé islâmica (*Jihad*).

atendendo a um pedido dos *mujahidins* afegãos. Ao chegar, ficou atônito com o caos instalado no Paquistão e com a falta de unidade árabe e devotou-se ao trabalho de organização política, estabelecendo um serviço de recrutamento que, nos anos seguintes, viria a conduzir milhares de guerreiros árabes dos Estados do Golfo para a resistência afegã à invasão soviética.

Com o término da guerra soviético-afegã, os laços que uniam os *mujahidins* se enfraqueciam, para o descontentamento de bin Laden e recrudesciam novamente divergências étnicas e nacionais internas. Neste cenário, Osama concentra um pequeno número de seguidores. “Seu grupo foi formado com o objetivo definido de superar essas divergências e criar um “exército internacional” que defenderia os muçulmanos da opressão, embora o modo como isso seria feito permanecesse incerto” (BURKE, 2007, p. 28). Nesse momento, seus seguidores ainda não atribuíam o nome de al Qaeda ao grupo (GERGES, 2011).

Sucedendo-se à guerra soviético-afegã, em 1990, Saddam Hussein (1937-2006), então presidente do Iraque (1979-2003), invade o Kuwait, país fronteiro à Arábia Saudita, dando início à Guerra do Golfo (1990-1991). Diante desse quadro, Osama bin Laden oferece o apoio de seus seguidores, a al Qaeda, à família real saudita. Entretanto, por motivos controversos, e que não são alvo de estudo deste trabalho, seu apoio foi negado. A Arábia Saudita então recebe apoio norte-americano para fazer face a Saddam.

Se por um lado o primeiro conflito havia gerado nos jihadistas o sentimento de invasão de terras sagradas, por outro o segundo recrudesceria esse sentimento por se tratar da ocupação de duas particulares cidades ocidentais: Meca e Medina. A primeira, onde nasceu o profeta Maomé e a segunda, onde teve início a comunidade muçulmana.

A ocupação, por parte dos EUA, de parte do território da Arábia Saudita foi o marco decisivo para que Osama bin Laden caracterizasse aquele Estado como o principal inimigo da al Qaeda, justificando que os norte-americanos estavam ocupando lugares sagrados para o Islã e estavam apoiando regimes ditatoriais do Oriente Médio (WRIGTH,

2011).

Após uma tentativa frustrada de Osama bin Laden de estabelecer a al Qaeda na Arábia Saudita, o mesmo buscou abrigo no Afeganistão, berço do movimento, entretanto tensões políticas nas quais se envolviam esse país frustraram as aspirações de bin Laden. O líder do movimento busca abrigo então no Sudão, onde permaneceu instalado até 1996, quando o governo local o expulsou, respondendo a exigências impostas pelos EUA, Egito e Arábia Saudita. Nesse momento a situação política do Afeganistão estava estabilizada, com a ascensão do Talibã¹¹, e bin Laden estabelece sua base de operações a partir desse país, onde permaneceu até 2001.

Ainda em 1996, bin Laden expede um documento de 12 páginas intitulado “Declaração da Jihad contra os norte-americanos que ocupam terras de dois lugares sagrados do Islã”, no qual cabe ressaltar sua declaração: “não há serviço mais importante que retirar o inimigo americano da terra santa”¹² (PALLISTER, 2001, p.3, tradução nossa), tornando público o principal inimigo da organização: os Estados Unidos da América.

De acordo com o THE 9/11 COMMISSION REPORT, desde 1992 bin Laden dissemina mensagens de ódio e planos de ataques aos EUA, declarações que tiveram seu ponto alto em uma entrevista que concedeu à rede norte-americana de televisão ABC-TV em 1998 onde afirmou: “Nós acreditamos que os maiores ladrões e os maiores terroristas do mundo são hoje os norte-americanos. Nada poderia parar vocês, exceto algum tipo de retaliação. **Nós não temos que fazer diferenciação entre militares e civis.** Enquanto estiverem nos preocupando, **serão todos alvos.**”¹³ (THE 9/11 COMMISSION REPORT, 2004, p. 47, tradução e grifos nossos). A partir dessa entrevista, Osama reafirma, dessa vez por meio de um veículo de comunicação norte-americano, o sentimento da al Qaeda com

¹¹ Movimento fundamentalista islâmico que governou o Afeganistão de 1996 a 2001.

¹² No original: *There is no more important duty than pushing the American enemy out of the holy land.*

¹³ No original: *We believe that the worst thieves in the world today and the worst terrorists are the Americans. Nothing could stop you except perhaps retaliation in kind. We do not have to differentiate between military or civilian. As far as we are concerned, they are all targets.*

relação aos EUA. Depreende-se ainda a maneira indiscriminada com a qual o grupo terrorista seleciona os alvos, sem que haja distinção dos que sofrerão com os danos de possíveis ataques.

A al Qaeda assumiu a autoria de diversos atentados terroristas, dos quais se destacam os ataques ocorridos nas cidades de Nova Iorque e Washington-DC em 11 de setembro de 2001, que serão tratados de forma mais detalhada na próxima seção.

2.2 OS ATAQUES DE 11 DE SETEMBRO DE 2001

Após explícitas declarações do líder da al Qaeda definindo os EUA como seu principal alvo (THE 9/11 COMMISSION REPORT, 2004), não poderia causar espécie que os radicais islâmicos estivessem planejando a condução de alguma ação terrorista naquele país.

A primeira delas desferida pela al Qaeda em território norte-americano ocorreu em fevereiro de 1993. Um dos membros da organização, Ramzi Yousef, carregou uma van com 680 kg de explosivos e os acionou no estacionamento do subsolo do *World Trade Center* (WTC) (SANT'ANNA, 2006). Para a frustração da organização terrorista, os danos não atingiram as proporções esperadas e a magnitude da explosão foi ínfima comparada à expectativa do grupo, se restringindo apenas à abertura de um buraco em um dos edifícios, cujos danos atingiram sete andares acima do local do acionamento. Esse ataque resultou em seis mortos e cerca de mil feridos, um número expressivo, porém muito aquém do que o esperado por seus mentores (THE 9/11 COMMISSION REPORT, 2004).

O líder da al Qaeda permanecia com a ideia de realizar um vultoso ataque terrorista que impactasse os EUA. Para Osama bin Laden não haveria diferenciação entre civis e militares na seleção de seus alvos, conforme dito por ele em sua entrevista concedida à ABC News em 1998 (THE 9/11 COMMISSION REPORT, 2004), o que torna bastante abrangente o espectro de opções para o líder terrorista.

Surge nesse mesmo período, no seio da al Qaeda, a ideia de se utilizar aviões como mísseis, que foi bem-aceita pelo líder do movimento, dando origem à “Operação aviões” (SANT’ANNA, 2006). Destarte foram selecionados quatro possíveis alvos para ataques terroristas: o Capitólio, o *World Trade Center*, o Pentágono e a Casa Branca.

Pela ótica financeira, o projeto mostrara-se bastante atrativo por seu custo quase que irrelevante (um valor entre 400 e 500 mil dólares ao longo dos dois anos de preparação) face do montante movimentado pelo grupo terrorista, pois, segundo os dados contidos no The 9/11 Commission Report (2004), estima-se que a al Qaeda tinha um orçamento anual de cerca de 30 milhões de dólares, dos quais, entre 10 e 20 milhões, eram pagos ao Talibã em troca de segurança e uma outra parte financiava alianças com outras organizações terroristas e demais gastos da organização.

Em 1999 iniciou-se o processo de seleção para estruturar a citada operação. Chegou-se a um número de 20 integrantes que mobiliariam cinco aeronaves, pois, embora houvesse quatro alvos selecionados, o *World Trade Center* necessitaria de duas aeronaves, por se tratarem de dois edifícios.

Ao final dos dois anos de preparação, a equipe se reduziu a 19 radicais, pois um dos designados para a função de piloto não logrou êxito em se graduar no curso de formação de pilotos. Com isso, ou a Casa Branca, ou o Capitólio deixou de ser um dos alvos.

No dia 11 de setembro de 2001, o mundo se chocou com um dos mais impactantes atentados terroristas da história. Apesar de já terem havido vários outros atentados envolvendo grande número de vítimas e vultosos danos, neste o mundo teve a oportunidade de acompanhar o desencadeamento das ações em tempo real pelos veículos midiáticos (BURKE, 2007), aumentando de maneira exponencial a notoriedade mundial dos ataques desferidos em solo estadunidense.

Na manhã desse dia, quatro aeronaves comerciais foram sequestradas em voo, das

quais duas se chocaram nos dois edifícios que compunham o *World Trade Center*, uma se chocou em parte das instalações do Pentágono e uma quarta caiu em uma região não habitada no estado da Pensilvânia. Não se sabe se esta última teria como objetivo a Casa Branca ou o Capitólio (THE 9/11 COMMISSION REPORT, 2004).

As consequências desse ataque foram cerca de três mil mortos (SANT'ANNA, 2006); destruição total dos dois edifícios que compunham o WTC e parcial das edificações das redondezas; destruição parcial das instalações do Pentágono em Washington-DC; e uma assustadora onda de medo de que ataques similares pudessem voltar a ocorrer.

Para o mundo e, principalmente, para os EUA, essa data expôs uma vulnerabilidade dessa potência hegemônica. Segundo Karen Mingst (2014), as mudanças no sistema internacional, sob a lente do realismo¹⁴, ocorrem quando se observa o deslocamento do equilíbrio do poder. Com isso, coube aos EUA uma reação contundente que pudesse assegurar sua hegemonia nesse sistema. Sobre essa reação versará o próximo capítulo.

¹⁴ Teoria filosófica segundo a qual o Estado unitário está inserido em um Sistema Internacional anárquico e a ameaça de guerra pode ser administrável, porém nunca excluída (MINGST, 2014).

3 A RESPOSTA NORTE-AMERICANA AOS ATAQUES DE 11 DE SETEMBRO DE 2001

O presidente dos Estados Unidos da América, George W. Bush, encontrava-se no estado da Flórida enquanto ocorriam os ataques de 11 de setembro de 2001. Ao invés de retornar diretamente para a Casa Branca, como havia sido planejado, foi levado à base militar de Barksdale, no estado da Louisiana, e, posteriormente, à base militar de Offutt, no estado de Nebraska.

Tanto a primeira quanto a segunda base militar foram destinos selecionados pelo serviço secreto norte-americano (agência responsável pela segurança pessoal do presidente e seus familiares), pois, de acordo com o The 9/11 Commission Report (2004), a Casa Branca ainda não havia sido descartada da relação de possíveis alvos de ataques para aquele dia.

A partir de Offutt, por possuir avançados recursos de comando e controle, o presidente Bush realizou a primeira reunião, em videoconferência, com seus principais assessores, o qual iniciou com a frase: “Estamos em guerra”¹⁵ (THE 9/11 COMMISSION REPORT, 2004, p.326, tradução nossa), conforme havia orientado Condoleezza Rice¹⁶. E, por volta das oito horas e trinta minutos da noite daquele mesmo dia, emitiu seu primeiro pronunciamento ao povo norte-americano, no qual enfatizou que a prioridade estadunidense seria amparar os feridos e evitar novos ataques. Entretanto expressou de forma clara quais seriam os objetivos dos EUA ao dizer: “Não faremos distinção entre os terroristas que cometeram esses atos e aqueles que trabalharam para eles.”¹⁷ (THE 9/11 COMMISSION REPORT, 2004, p. 326, tradução nossa).

Após esse primeiro pronunciamento, o presidente dos EUA se reúne com o

¹⁵ No original: “*We’re at war.*”

¹⁶ Assessora para Segurança Nacional dos Estados Unidos da América no período de 20 de janeiro de 2001 a 26 de janeiro de 2005.

¹⁷ No original: “*We will make no distinction between the terrorists who committed these acts and those who harbor them.*”

Conselho de Segurança Nacional¹⁸ norte-americano, acrescido do Secretário de Transportes e do diretor da Agência Federal de Gerenciamento de Emergências dos EUA. Nessa reunião passaram a tratar das efetivas medidas que o país passaria a adotar, as quais materializariam o que o governo estadunidense passou a chamar de Guerra ao Terror.

As medidas podem ser categorizadas em internas e externas. Como as internas não figuram no escopo deste trabalho, tratar-se-á a partir dos próximos parágrafos das medidas externas, mais especificamente as de cunho militar, adotadas pelos EUA.

A partir desse momento, de acordo com o The 9/11 Commission Report (2004), as atividades de contra-terrorismo se tornaram a prioridade número um da segurança nacional norte-americana. “O contraterrorismo se tornou, acima de qualquer dúvida, a prioridade máxima para a segurança nacional dos Estados Unidos da América. Esta mudança ocorreu com o total apoio do congresso, da mídia e dos norte-americanos.”¹⁹ (THE 9/11 COMMISSION REPORT, 2004, p. 361, tradução nossa).

Segundo o The 9/11 Commission Report (2004), o presidente Bush deixa claro que, para os EUA, a al Qaeda foi responsável pelos ataques de 11 de setembro. Em seu pronunciamento, o presidente norte-americano dissocia os muçulmanos e os sauditas dos denominados terroristas ao dizer que: “O inimigo norte-americano não são os vários amigos muçulmanos; não são os vários amigos árabes. Nosso inimigo é uma rede de terroristas radicais, e todo governo que a apoia.”²⁰ (BUSH, 2001, p. 3, tradução nossa). O presidente ainda afirma que sua guerra vai além de Osama bin Laden ao dizer: “Nossa guerra ao terror começa com a al Qaeda, mas não termina nela. Ela não terminará até que todo grupo terrorista

¹⁸ Colegiado constituído para assessorar o presidente dos EUA nos assuntos afetos à segurança nacional que envolva as Forças Armadas ou as relações internacionais estadunidenses. Sua composição é de 21 membros dos quais se destacam o vice-presidente e o Chefe do Estado-Maior conjunto das Forças Armadas.

¹⁹ No original: *Countering terrorism has become, beyond any doubt, the top national security priority for the United States. This shift has occurred with the full support of the Congress, both major political parties, the media, and the American people.*

²⁰ No original: *“The enemy of America is not our many Muslim friends; it is not our many Arab friends. Our enemy is a radical network of terrorists, and every government that supports them.”*

no mundo tenha sido encontrado, detido e derrotado.”²¹ (BUSH, 2001, p. 4, tradução nossa). Com essa declaração, Bush não restringe a Guerra ao Terror à al Qaeda, definindo como objetivo político para o conflito todo e qualquer grupo que promova o terrorismo no mundo.

No dia 20 de setembro de 2001, o presidente dos EUA participa de uma sessão no congresso norte-americano para anunciar seus planos de reação contra o terrorismo e em 21 de setembro ele aprova o plano militar de intervenção no Afeganistão, denominado Operação *Enduring Freedom*²². A operação estava dividida, inicialmente, em quatro fases: a primeira fase caracterizando-se pelo movimento de tropas para países vizinhos como o Uzbequistão e o Paquistão; a segunda, por ataques aéreos e ações de elementos de operações especiais, iniciada em 7 de outubro de 2001; a terceira, composta por ataques decisivos para a derrubada do regime talibã e a destruição das bases da al Qaeda no Afeganistão; e a quarta e última fase marcada por operações de manutenção da estabilidade e segurança no Afeganistão.

De acordo com o The 9/11 Commission Report (2004), em 22 de dezembro de 2001, no curso das ações da terceira fase da operação *Enduring Freedom*, o Afeganistão já se encontrava livre da influência do Talibã.

A estratégia inicial da Operação *Enduring Freedom* se manteve vigente até 2008, último ano do mandato do presidente George W. Bush. A partir de 2009, já no mandato do presidente Barack Obama, a estratégia norte-americana para a Guerra ao Terror sofreu alguns ajustes.

Em 2008, ainda como senador, em sua campanha presidencial, Barack Obama visitou as tropas norte-americanas no Afeganistão e, ao dirigir a palavra à tropa, anunciou parte do que seria sua estratégia como presidente caso fosse eleito. Os EUA estavam com duas grandes frentes abertas: o Iraque e o terrorismo nucleado no Afeganistão e no Paquistão. Para Obama não fazia sentido manter tropas no Iraque e, para ele, os recursos lá despendidos

²¹ No original: “*Our war on terror begins with al Qaeda, but it does not end there. It will not end until every terrorist group of global reach has been found, stopped, and defeated.*”

²² Liberdade duradoura (tradução nossa).

deveriam ser direcionados ao combate ao terrorismo, de acordo com suas palavras: “Eu farei da luta contra a al Qaeda e o Talibã nossa maior prioridade. Essa é uma guerra que nós temos que vencer.”²³ (OBAMA, 2008, p.1, tradução nossa). Ainda nessa visita, o então candidato à presidência dos EUA expressa sua intenção de, como presidente, aumentar o esforço militar no Afeganistão ao firmar que: “Eu enviarei, pelo menos, mais duas brigadas de combate ao Afeganistão.”²⁴ (OBAMA, 2008, p.2, tradução nossa).

Diferente de seu sucessor, Barack Obama menciona por diversas vezes o nome de Osama bin Laden em seus pronunciamentos, o que se pode constatar já em seu discurso feito no Afeganistão em 2008: “Nós poderíamos ter enviado todo o esforço norte-americano para caçar e destruir o Osama bin Laden, a al Qaeda, o Talibã e todos os terroristas responsáveis pelo 11 de setembro.”²⁵ (OBAMA, 2008, p.4, tradução nossa). Esse fato, por si só, não caracteriza a inclusão do líder terrorista na lista dos objetivos nacionais estadunidenses, pois George W. Bush talvez não tivesse informação suficiente para categorizar bin Laden como um ator a parte e defini-lo como objetivo político, se restringindo então à generalização: al Qaeda, Talibã e apoiadores (THE 9/11 COMMISSION REPORT, 2004).

Após assumir a presidência dos EUA, Barack Obama em seu primeiro pronunciamento referente à Guerra ao Terror, deixa claro que a guerra do Iraque não é mais um objetivo político estadunidense e que carreará todos os esforços norte-americanos para o Afeganistão e Paquistão.

Eu quero que o povo norte-americano entenda que nós temos um objetivo claro: romper, dismantelar e derrotar a al Qaeda no Paquistão e no Afeganistão, e não deixar que retorne a nenhum desses dois países no futuro. Esse é o objetivo que alcançaremos. Esse é o motivo mais que justo. E aos terroristas que se opuserem a nós, minha mensagem é a mesma: Nós derrotaremos vocês.
Para atingir nossos objetivos, nós precisamos de uma estratégia mais forte, mais inteligente e compreensiva. Para focar na maior ameaça para o nosso povo, os EUA

²³ No original: “*I will make the fight against al Qaeda and the Taliban the top priority that it should be. This is a war that we have to win.*”

²⁴ No original: “*I will send at least two additional combat brigades to Afghanistan.*”

²⁵ No original: “*We could have deployed the full force of American power to hunt down and destroy Osama bin Laden, al Qaeda, the Taliban, and all of the terrorists responsible for 9/11.*”

não podem mais negar recursos para o Afeganistão por causa da guerra no Iraque²⁶(OBAMA, 2009, p.3, tradução nossa).

Com as informações e as experiências adquiridas por meio das diversas agências norte-americanas, ao longo dos sete primeiros anos da operação *Enduring Freedom*, o presidente Barack Obama tem a atualizada consciência situacional²⁷ de que os extremistas permeavam entre o Afeganistão e o Paquistão e que para atingir seus objetivos políticos na guerra ao terror, os EUA deveriam garantir a estabilidade e a segurança desses dois Estados. Obama deixa essa percepção bastante clara ao dizer que: “O Paquistão deve ser um forte parceiro na destruição de paraísos seguros, e devemos isolar a al Qaeda do povo paquistanês [...] que não verá fim para a violência se os insurgentes continuarem se movendo livremente na fronteira”²⁸(OBAMA, 2009, p.4, tradução nossa).

Os reflexos dessa nova estratégia norte-americana implementada por Barack Obama podem ser mensurados a partir dos dados emitidos em um documento produzido pelo Serviço de Pesquisa do Congresso²⁹ norte-americano (CRS) chamado: Quantidade de militares e contratados do Departamento de Defesa no Afeganistão e no Iraque 2007-2018³⁰ (tradução nossa). Para delimitar a análise na transição entre os governos de George W. Bush e Barack Obama, tratar-se-á dos impactos sofridos nos efetivos e nos gastos entre os anos de 2008 e 2010 em ambas as campanhas, Afeganistão e Iraque. Nesse período, a campanha no Afeganistão teve um acréscimo de efetivo de militares da Forças Armadas de 189% e seu

²⁶ No original: “*I want the American people to understand that we have a clear and focused goal: to disrupt, dismantle and defeat al Qaeda in Pakistan and Afghanistan, and to prevent their return to either country in the future. That's the goal that must be achieved. That is a cause that could not be more just. And to the terrorists who oppose us, my message is the same: We will defeat you.*

To achieve our goals, we need a stronger, smarter and comprehensive strategy. To focus on the greatest threat to our people, America must no longer deny resources to Afghanistan because of the war in Iraq.”

²⁷ Percepção precisa dos fatores e condições que afetam a execução da tarefa durante um período determinado de tempo, permitindo ou proporcionando ao seu decisor, estar ciente do que se passa ao seu redor e assim ter condições de focar o pensamento à frente do objetivo. É a perfeita sintonia entre a situação percebida e a situação real (MD35-G-01).

²⁸ No original: “*Pakistan's government must be a stronger partner in destroying these safe havens, and we must isolate al Qaeda from the Pakistani people. And these steps in Pakistan are also indispensable to our efforts in Afghanistan, which will see no end to violence if insurgents move freely back and forth across the border.”*

²⁹ Congressional Research Service (CRS)

³⁰ No original: *Department of Defense Contractor and Troop Levels in Afghanistan and Iraq: 2007-2018.*

orçamento aumentou em 122%; ao passo que a campanha no Iraque teve uma redução de efetivo de 67% e um corte de 42% no seu orçamento (CONGRESSIONAL RESEARCH SERVICE, 2019).

As medidas anunciadas como nova estratégia por Obama não se limitam apenas ao emprego militar, como ele mesmo diz: “Uma campanha contra o extremismo não terá sucesso apenas com tiros e bombas”³¹(OBAMA, 2009, p.2, tradução nossa). Entretanto o trabalho se limitará a abordar apenas o emprego militar contra o terrorismo, que é o contido no escopo deste estudo.

Após quase dez anos transcorridos da Guerra ao Terror, os EUA atingiram, em 2011, um grande marco: a morte do líder e fundador da al Qaeda, Osama bin Laden, a partir de uma operação desencadeada por militares norte-americanos. Sobre esta operação tratará a próxima seção.

3.1 OPERAÇÃO *NEPTUNE SPEAR*

Após terem transcorridos cerca de dez anos do início da campanha militar norte-americana no Afeganistão e no Paquistão, o que impactou em um gasto para os cofres estadunidenses de, aproximadamente, um trilhão de dólares (AMADEO, 2019), o governo dos EUA autorizou uma ação direta³² desferida por elementos de operações especiais³³ da Marinha norte-americana (SEAL)³⁴, que culminou na morte do líder terrorista da al Qaeda, Osama bin Laden (OWEN, 2012).

Para dimensionar a complexidade de uma operação como essa, deve-se remeter ao

³¹ No original: “*A campaign against extremism will not succeed with bullets or bombs alone.*”

³² Ação destinada a interditar alvos de valor estratégico, operacional ou crítico, sob o ponto de vista tático, executada por força de operações especiais. Caracteriza-se pelo emprego de técnicas de infiltração e exfiltração, ações curtas e específicas no objetivo, com engajamento mínimo, podendo contar com apoio de fogo aéreo ou naval (MD35-G-01).

³³ Operações conduzidas por forças militares, especialmente organizadas, adestradas e equipadas, visando a alcançar objetivos políticos, econômicos, psicossociais ou militares por intermédio do emprego de meios militares convencionais ou não convencionais, em áreas hostis ou sob controle do inimigo, nas situações de crise, de conflito armado ou de guerra (MD35-G-01).

³⁴ A sigla remete aos ambientes para os quais são treinados os elementos de operações especiais da Marinha norte-americana: “*Sea, Air, Land*”.

processo de seleção para compor uma equipe SEAL. De acordo com Wasdin e Templim (2012), os candidatos são submetidos a um curso de formação de 24 semanas de duração dividido em quatro fases, que são precedidas por um período de três semanas, denominado período de doutrinação. A primeira fase se destina ao condicionamento básico; a segunda, a táticas de combate terrestre; a terceira, ao treinamento de mergulho; e a quarta e última fase compreendia o treinamento paraquedista³⁵. Ainda segundo Wasdin e Templim, a taxa de atrição³⁶ ao final das quatro fases de treinamento é de 65%.

Desde o início da operação *Enduring Freedom*, o governo norte-americano enviou para o Afeganistão e para o Paquistão um robusto esforço de inteligência (THE 9/11 COMMISSION REPORT, 2004). De acordo com Marks (2018), a partir de 2007 a CIA canalizou grande parte dos seus recursos para localizar um mensageiro de confiança de bin Laden chamado Abu Ahmed al-Kuwaiti. Segundo Owen (2012), a agência norte-americana chegou ao nome de al-Kuwaiti após interrogar, em um de seus campos clandestinos, Mohammed al-Qahtani, que supostamente seria o vigésimo homem a compor o grupo que desferiu os ataques de 11 de setembro de 2001.

Após interceptar uma ligação de al-Kuwaiti, em 2010, a CIA passou a monitorar sua rotina e identificou que o mesmo habitava uma enorme residência de três pavimentos situada na localidade de Abbottabad³⁷, Paquistão, cujo valor estimado é de cerca de um milhão de dólares americanos (OWEN, 2012).

Após a manutenção da vigilância, por cerca de um ano, a partir de drones que sobrevoavam ininterruptamente a residência de al-Kuwaiti e após compilação e análise dos dados obtidos, a CIA concluiu, com quase 100% de certeza, que lá residiam três famílias incluindo bin Laden (MARKS, 2018).

Segundo Owen (2012), a partir de março de 2011, o SEAL *Team Six*, a equipe

³⁵ *Airborn School* no Fort Benning, base do Exército norte-americano situada no estado da Geórgia.

³⁶ Percentual de desistentes ou desligados de um treinamento.

³⁷ Cidade paquistanesa localizada a cerca de 150 km a leste de Peshawar (capital do Paquistão).

mais experiente do SEAL, passou a realizar adestramentos específicos para a realização de uma ação de comandos³⁸ com o objetivo de capturar ou eliminar Osama bin Laden. A Casa Branca estava na dúvida entre o emprego de elementos de operações especiais ou a realização de um bombardeio aéreo na casa, porém em abril, o presidente dos EUA, Barack Obama, opta pela ação terrestre e autoriza a missão que recebeu o nome de *Neptune Spear*, conforme dito pelo próprio presidente dos EUA em seu primeiro pronunciamento após a operação: “Concluí que tínhamos informações suficientes para agir e autorizei uma operação para pegar Osama bin Laden e trazê-lo à justiça.”³⁹(OBAMA, 2011, p.1, tradução nossa).

Conforme relatado por Owen (2012), a operação, desencadeada, a partir da base militar avançada dos EUA em Jalalabad⁴⁰, Afeganistão, nas primeiras horas do dia 2 de maio de 2011⁴¹, contou com a participação de 73 militares da US NAVY⁴², quatro pilotos de aeronave de asa rotativa, três agentes da CIA (dos quais um era intérprete) e um cão de guerra, divididos em dois grandes grupos: o primeiro, embarcado em duas aeronaves militares de asa rotativa do tipo UH-60 Black Hawk, responsáveis pela ação e segurança do perímetro da área do objetivo⁴³; e o segundo, apoiado por duas aeronaves de asa rotativa do tipo CH-47 Chinook, como força de reação para atender a um plano contingente⁴⁴.

De acordo com Owen (2012), durante a fase da infiltração⁴⁵, uma das aeronaves UH-60 perdeu sustentação e não conseguiu fazer o desembarque de sua equipe conforme

³⁸ Tipo de operação especial realizada por tropa habilitada, de valor e constituição variáveis, por intermédio de uma infiltração terrestre, aquática ou aérea, contra alvos de valor estratégico, operacional ou crítico, sob o ponto de vista tático, localizados em áreas hostis ou sob controle do inimigo.-(MD35-G-01).

³⁹ No original: “*I determined that we had enough intelligence to take action, and authorized an operation to get Osama bin Laden and bring him to justice.*”

⁴⁰ Cidade afegã localizada a cerca de 150 km a leste de Kabul, capital do Afeganistão.

⁴¹ Horário de Abbottabad, Paquistão.

⁴² Marinha norte-americana.

⁴³ Área geográfica definida em que se acha localizado o objetivo que se vai capturar ou atingir. É delimitada pela autoridade competente com propósito de comando e de controle (MD35-G-01).

⁴⁴ Plano traçado para substituir determinado plano de operação, no caso de mudança de situação, que o torne inexequível ou desaconselhável (MD35-G-01).

⁴⁵ Forma de manobra tática ofensiva na qual procura-se desdobrar uma força à retaguarda de uma posição inimiga, por meio de um deslocamento dissimulado, com a finalidade de cumprir uma missão que contribua diretamente para o sucesso da manobra do escalão que enquadra a força que se infiltra. É conduzida por elementos isolados ou em pequenos grupos, através, sobre ou ao redor das posições inimigas, ou no interior delas, e o seu posterior desdobramento à retaguarda destas posições (MD35-G-01).

havia sido planejado, no interior da casa onde se encontrava bin Laden.

O incidente com a aeronave não promoveu nenhuma baixa⁴⁶ norte-americana, resultando apenas na alteração de parte do planejamento inicial e um pequeno atraso no início das ações. Entretanto a situação permaneceu sob controle e não houve a necessidade de acionar as equipes de reação (OWEN, 2012).

Para Owen (2012), três condicionantes são essenciais para o êxito de uma ação de comandos: velocidade nas ações, poder de fogo e superioridade relativa. Seguindo essa ótica, de acordo com Marks (2018), após terem decorridos nove minutos do início das ações, os integrantes da equipe de assalto⁴⁷ escutam pelo rádio a mensagem: “Geronimo. E.K.I.A.⁴⁸”, o que, conforme o planejamento, indicava a morte de Osama bin Laden. A partir deste momento iniciou-se a busca por dados que foi sucedida pela fase de exfiltração⁴⁹, que, diferente da infiltração, contou com o apoio de uma aeronave CH-47 em substituição a que havia se acidentado (OWEN, 2012).

Além de bin Laden, morreram uma mulher e três homens, dentre eles um de seus filhos (MARKS, 2018). De acordo com Owen (2012), todos os que vieram a óbito durante a ação, manifestaram algum tipo de reação, representando uma ameaça aos soldados norte-americanos.

Segundo Marks (2018), após 23 minutos do início das ações, o presidente Barack Obama foi informado da morte do líder terrorista e uma hora depois, todos os envolvidos na missão já se encontravam de volta em Jalalabad. A operação estava encerrada.

⁴⁶ Designação genérica das perdas ocorridas por ferimento, acidente ou doença (MD35-G-01).

⁴⁷ Equipe responsável pela ação principal da operação: eliminação ou captura de Osama bin Laden.

⁴⁸ E.K.I.A. - *Enemy Killed in Action* (inimigo morto em ação, tradução nossa).

⁴⁹ Técnica de movimento realizado de modo sigiloso com a finalidade de retirar forças ou pessoal isolado ou material do interior de território inimigo ou por ele controlado, ou que se encontravam realizando operações militares (MD35-G-01).

3.1.1 Reflexos no nível político norte-americano

Às 11 horas e 35 minutos⁵⁰ do dia primeiro de maio de 2011, o presidente Barack Obama emite seu primeiro pronunciamento após a operação, tornando pública a morte de Osama bin Laden.

Boa noite. Esta noite eu posso dizer ao povo norte-americano e ao mundo que os Estados Unidos da América conduziram uma operação militar que matou Osama bin Laden, o líder da al Qaeda e um dos terroristas responsáveis pelo assassinato de milhões de homens, mulheres e crianças inocentes⁵¹ (OBAMA, 2011, p.1, tradução nossa).

Obama reafirma que a captura ou eliminação de bin Laden era uma prioridade norte-americana na Guerra ao Terror ao dizer que: “Tão logo assumi a presidência, nomeei Leon Panetta⁵² como diretor da CIA, para tornar a morte ou captura de bin Laden a prioridade número um da nossa luta contra a al Qaeda [...]”⁵³(OBAMA, 2011, p.1, tradução nossa).

Em suas declarações a respeito da campanha militar no Afeganistão e no Paquistão, o presidente dos EUA deixa evidente que Osama bin Laden é um alvo isoladamente da intenção política norte-americana de acabar com a al Qaeda.

No nível político, sob a ótica de Barack Obama, a morte do líder da al Qaeda foi o fato mais relevante de toda a Guerra ao Terror, conforme declarado pelo presidente norte-americano: “A morte de bin Laden marca o evento mais significativo dentre os esforços da nossa nação para derrotar a al Qaeda”⁵⁴ (OBAMA, 2011, p.2, tradução nossa).

Como foi detalhado no início deste capítulo, os EUA realizaram uma incursão em território paquistanês para capturar ou eliminar o líder da al Qaeda e, embora não tenha havido solicitação do governo norte-americano ao Paquistão para o desencadeamento da

⁵⁰ Horário de Nova Iorque.

⁵¹ No original: “*Good evening. Tonight, I can report to the American people and to the world that the United States has conducted an operation that killed Osama bin Laden, the leader of al Qaeda, and a terrorist who’s responsible for the murder of thousands of innocent men, women, and children.*”

⁵² Leon Panetta (1938-).

⁵³ No original: “*And so shortly after taking office, I directed Leon Panetta, the director of the CIA, to make the killing or capture of bin Laden the top priority of our war against al Qaeda, even as we continued our broader efforts to disrupt, dismantle, and defeat his network.*”

⁵⁴ No original: “*The death of bin Laden marks the most significant achievement to date in our nation’s effort to defeat al Qaeda.*”

operação, o presidente Barack Obama sempre deixou claro que o faria se fosse necessário, o que se pode constatar a partir de suas próprias palavras: “Ao longo dos anos, tenho, repetidamente, deixado claro que faríamos uma ação no Paquistão se soubéssemos onde bin Laden estivesse. Foi o que fizemos.”⁵⁵(OBAMA, 2011, p.2, tradução nossa). Com isso, seus pronunciamentos legitimam para o mundo a possibilidade de emprego da força por parte dos estadunidenses no em território paquistanês.

De acordo com Mingst (2014), *soft power*⁵⁶ é a capacidade de atrair os demais por meio da legitimidade dos valores do seu Estado ou suas políticas. Obama lança mão desta ferramenta para evitar a possibilidade do aumento das tensões entre os EUA e o Paquistão ao telefonar para o presidente paquistanês, Asif Ali Zardari, logo após o término da operação. A exemplo do presidente, e por orientação da Casa Branca, toda a cúpula norte-americana envolvida na operação contactou seus homólogos no Paquistão, como afirma Obama em seu pronunciamento, reforçando a cooperação mútua entre os dois Estados: “Esta noite liguei para o presidente Zardari e toda minha equipe também contactou seus homólogos paquistaneses [...]. Indo além, é essencial que o Paquistão continue junto a nós na guerra contra a al Qaeda e seus afiliados”⁵⁷(OBAMA, 2011, p.3, tradução nossa).

A desmobilização militar norte-americana do Afeganistão, traduzida pelos números e pronunciamentos oficiais da Casa Branca, reflete que, no nível político, os objetivos alcançados na Guerra ao Terror foram satisfatórios em face do esforço despendido pelos EUA. De acordo com Amadeo (2019), entre os anos de 2011 e 2015 houve uma redução de 60% dos gastos norte-americanos na guerra ao terror e uma redução de 85% do efetivo militar estadunidense em território afegão e paquistanês.

Em uma de suas declarações oficiais no ano de 2014, o presidente Barack Obama

⁵⁵ No original: “Over the years, I’ve repeatedly made clear that we would take action within Pakistan if we knew where bin Laden was. That is what we’ve done.”

⁵⁶ Poder brando (tradução nossa).

⁵⁷ No original: “Tonight, I called President Zardari, and my team has also spoken with their Pakistani counterparts. They agree that this is a good and historic day for both of our nations. And going forward, it is essential that Pakistan continue to join us in the fight against al Qaeda and its affiliates.”

demonstra a clara mudança de postura estadunidense quanto à presença no território afegão: “uma pequena parte da força militar norte-americana e seus aliados da OTAN pode permanecer no Afeganistão para conduzir duas missões: treinar e apoiar forças afegãs e operações de contra-terrorismo em busca de algum remanescente da al Qaeda”⁵⁸ (OBAMA, 2014, p.2, tradução nossa).

Embora distante de atingir as expectativas políticas definidas por Bush – acabar com todo grupo que praticasse atos terroristas no mundo –, para Obama, os interesses estadunidenses haviam sido alcançados. Todavia, não se pode afirmar se, em seus discursos, Obama deixava claro os reais interesses norte-americanos (aqueles defendidos por Bush) ou se tentava justificar os expressivos gastos na Guerra ao Terror com um marco que talvez não fosse tão relevante no contexto geral da campanha militar.

3.1.2 Resultados táticos

Conforme descrito no início deste capítulo, a operação *Neptune Spear* se tratou de uma ação de alta complexidade e que só poderia ter sido realizada por elementos bastante qualificados e adestrados. A operação possuía um único objetivo: captura ou eliminação de Osama bin Laden (OBAMA, 2011).

Não houve baixa entre os estadunidenses e, embora tenha havido mais quatro mortes além de bin Laden, as mesmas não podem ser caracterizadas como dano colateral⁵⁹, pois segundo Owen (2012), todos os alvejados apresentaram, de alguma forma, comportamento ameaçador à integridade física de algum membro da equipe norte-americana.

Conforme dito por Owen (2012), dos quatro meios envolvidos na operação – dois UH-60 para a ação na área do objetivo e dois CH-47 em apoio à força de reação – houve a

⁵⁸ No original: “a small force of Americans could remain in Afghanistan with NATO allies to carry out two narrow missions: training and assisting Afghan forces, and counterterrorism operations to pursue any remnants of al Qaeda.”

⁵⁹ Qualquer morte, ferimento de pessoas ou dano a instalações não relacionados diretamente ao objetivo da operação (MD34-M-03).

perda de uma das aeronaves, representando 25% de perda material em ação, o que representa um percentual irrisório em face do orçamento norte-americano destinado à Guerra ao Terror mostrado por Amadeo (2019). Este incidente evidenciou a eficaz capacidade de comando e controle e a solidez do planejamento, pois, de acordo com Owen (2012) houve uma pequena alteração na infiltração das equipes que compunham a tripulação da aeronave avariada, sem que fosse necessário o acionamento da força de reação. Para Owen (2012), a flexibilidade do plano por parte das equipes de assalto foi um reflexo da experiência, treinamento e capacitação de seus integrantes.

Outro aspecto importante na análise tática da operação foi o tempo despendido na mesma. Segundo Marks (2018), as equipes de assalto levaram nove minutos, a partir do momento no qual tocaram o solo até a localização e eliminação de Osama bin Laden, e mais 31 minutos para que não houvesse mais nenhum norte-americano no local.

Para Owen (2012), a rapidez nas ações foram fundamentais para a garantia da segurança dos elementos de assalto, que puderam se valer da surpresa, e evitou que autoridades locais pudessem causar alguma interferência na operação, pois, como dito por Obama (2011), o governo paquistanês não tinha conhecimento dessa ação militar norte-americana em seu território.

4 A AL QAEDA PÓS 2011

Este capítulo tratará não só dos reflexos sofridos pela al Qaeda após a morte de Osama bin Laden em 2011, mas também de como mudou a percepção norte-americana de toda a estrutura da organização terrorista e de como ela se relaciona, tanto internamente como entre os afiliados, a partir de arquivos encontrados na residência de Osama em Abbottabad, Paquistão.

Um dos principais conceitos que se confirmou com a análise dos arquivos obtidos foi a denominação da organização fundada por bin Laden como al Qaeda Core (AQC), ou corpo principal da al Qaeda. Este conceito será utilizado a partir deste capítulo para diferenciar essa organização de suas afiliadas.

A al Qaeda se caracterizou ao longo de toda sua formação por ser um grupo composto por poucos integrantes e fomentador das alianças e trabalhos em rede (FAWAZ, 2011). Osama deixa clara essa postura quando em 2001, após o desencadeamento da Operação *Enduring Freedom*, diz aos seus colaboradores que se dispersem e que aqueles que possuíssem um plano viável de ataque ao ocidente, receberia fundos para desencadeá-lo (BURKE, 2007).

A al Qaeda tem sido o inimigo mais letal e efetivo dos Estados Unidos da América desde o fim da guerra do Vietnã e mostra todos os sinais de que continua determinada a matar norte-americanos. Entender este inimigo e criar uma estratégia para derrotar seus remanescentes é, sem dúvida, imperativo para a segurança nacional dos Estados Unidos da América⁶⁰(Zimmerman, 2013, p.3, tradução nossa).

A morte de Osama bin Laden em 2011, apesar de ter representado o mais expressivo resultado da guerra ao terror segundo os pronunciamentos realizados por Obama em 2011, não caracterizou, na visão da Casa Branca, o fim da ameaça terrorista para os EUA, como afirmou o próprio presidente: “O fato é que o perigo continua.”⁶¹(Obama, 2014, p.2,

⁶⁰ No original: “*Al Qaeda has been the most lethal and effective enemy of the United States since the end of the Vietnam War and shows every indication of continuing its determined efforts to kill Americans. Understanding this enemy and then building a sensible strategy for defeating it remains without question a vital national security imperative for the United States.*”

⁶¹ No original: “*The fact is, that danger remains.*”

tradução nossa).

Para entender o comportamento da al Qaeda após a morte de bin Laden em 2011 é preciso analisar os reflexos que as prioridades norte-americanas na Guerra ao Terror, particularmente nos governos de George W. Bush e de Barack Obama, tiveram no desenvolvimento da rede terrorista.

Como visto no capítulo anterior, a operação *Enduring Freedom*, durante a gestão do presidente Bush, limitou-se a combater a al Qaeda e seus apoiadores apenas no Iraque, no Afeganistão e no Paquistão, facilitando o surgimento ou fortalecimento de células simpatizantes como foi o caso, por exemplo, do *al Shabaab*, na Somália; da al Qaeda na Magreb⁶² Islâmica (AQIM)⁶³, na África; da al Qaeda na Península Arábica (AQAP)⁶⁴, no Iêmen; e o fortalecimento da al Qaeda no Iraque (AQI), na Síria (ZIMMERMAN, 2013).

No primeiro mandato de Barack Obama (2009-2013) houve a diminuição do esforço militar no Iraque e um aumento expressivo no Afeganistão e Paquistão. Um dos reflexos dessa mudança de foco foi a diminuição de pressão sobre a AQI.

Segundo Zimmerman (2013), embora Obama tenha eliminado alvos, particularmente lideranças, no Iêmen e, ocasionalmente, no continente africano, a grande concentração de esforços norte-americanos na busca de lideranças da al Qaeda no Paquistão fez com que o crescimento e fortalecimento de seus afiliados na Somália, Argélia e Egito, ocorresse sem grandes barreiras.

Por outro lado, para Gerges (2011), a política de Bush de enviar tropas para o Iraque em 2003 aliviou a pressão estadunidense no corpo principal da al Qaeda, que nesse momento alternava suas posições entre o Afeganistão e o Paquistão. Isto se deu ao passo que o orçamento norte-americano, anteriormente alocado para o combate ao terrorismo nesses

⁶² Região no noroeste do continente africano que compreende os seguintes países: Argélia, Marrocos, Tunísia, Líbia e Mauritânia.

⁶³ *Al Qaeda in the Islamic Maghreb*.

⁶⁴ *Al Qaeda in the Arabian Peninsula*.

dois países, passara a ser destinado também ao combate no Iraque. Com isso, a organização de bin Laden pôde se reorganizar e ampliar seus laços de relacionamento com outras organizações.

A campanha norte-americana de 2003 no Iraque foi para Gerges (2011) mais um fomentador de ódio contra os EUA. Para ele, milhões de árabes e muçulmanos, que anteriormente adotavam uma postura neutra com relação aos EUA, passaram a assumir um viés de hostilidade contra os estadunidenses, por interpretarem que estes invadiam o coração da arábia islâmica.

Gerges (2011) cita que: “Nas minhas [Gerges] viagens entre 2003 e 2006 conheci centenas de jovens árabes oriundos da Líbia, Marrocos, Argélia, Yemen, Líbano e Jordânia, que em sua maioria disse que queria ir para o Iraque para se juntar a *Jihad*”⁶⁵(GERGES, 2013, p.2, tradução nossa).

A complexidade no entendimento do inimigo, ao qual faziam frente os EUA na Guerra ao Terror, em grande parte vinha da própria estrutura organizacional fomentada por Osama bin Laden. De acordo com Hoffman (2003), Osama conseguiu idealizar e implementar desde o início da década de 90 uma cultura estratégica que só foi usada no mundo empresarial 10 anos depois, chamada de organização flexível. Neste modelo, as relações verticais⁶⁶ na organização ocorrem tanto de cima para baixo como de baixo para cima. Ordens e objetivos, por exemplo, eram emanadas de cima para baixo ao passo que ideias criativas eram incentivadas no fluxo inverso, de baixo para cima.

Para Zimmerman (2013) o grande erro na concepção norte-americana sobre a luta contra a al Qaeda foi considerar, desde o governo Bush, que a estrutura do grupo e de sua rede seguia uma hierarquia vertical clássica, na qual todo fluxo emana dos níveis mais altos para os

⁶⁵ No original: “*In my travels between 2003 and 2006, I met hundreds of Arab youth from Libya, Morocco, Algeria, Libya, Yemen, Lebanon, Jordan, and elsewhere, many of whom said they were desperately attempting to go to Iraq and join the jihad there.*”

⁶⁶ Relações efetuadas entre os níveis hierárquicos mais altos e os mais baixos e vice-versa.

mais baixos da estrutura hierárquica. Essa lógica não se limitava a interpretar apenas a estrutura interna da al Qaeda, mas também a sua relação com seus afiliados sediados em diversos países, visto que estava em uma posição hierárquica superior a eles.

Esse raciocínio errôneo norte-americano levou-os à estratégia de eliminar as lideranças com o propósito de desarticular a estrutura extremista. Entretanto essa estratégia não logrou o êxito esperado. Como cita Zimmerman (2013): “Os militares norte-americanos mataram ou detiveram milhões de líderes do AQI entre 2003 e 2006, além de matarem seu fundador, Abu Mus’ab al Zarqawi⁶⁷, pouco afetando a força do grupo.”⁶⁸(ZIMMERMAN, 2013, p.2, tradução nossa).

Para Zimmerman (2013), as relações na rede também se davam, tanto da al Qaeda para os afiliados como entre os próprios afiliados, em uma lógica de relacionamento horizontal. Como exemplo desta horizontalidade, a AQAP no Iêmen mantinha estreita relação com o *al Shabaab* na Somália.

De acordo com Zimmerman (2013), esse misto de relações, tanto verticais flexíveis (interior das células) quanto horizontais (entre as células), nas interações da rede, fez com que a mesma se mantivesse resiliente mesmo com as pressões impostas pelos EUA na Guerra ao Terror.

Segundo Zimmerman (2013), embora tenha havido um grande comprometimento dos EUA em busca do fim da al Qaeda desde o início da investida estadunidense, eles o fizeram focando apenas no corpo principal da organização, aquele fundado por Osama bin Laden, o que permitiu a expansão de seus afiliados em outros países e o fortalecimento da rede terrorista.

O correto entendimento de como a al Qaeda e seus afiliados se relacionavam e a verdadeira relevância de cada um dos membros da rede só foram realmente compreendidos

⁶⁷ Abu Mus’ab al Zarqawi (1966-2006).

⁶⁸ No original: “The U.S. military killed or detained thousands of AQI leaders between 2003 and 2006, and even the death of AQI’s founder, Abu Mus’ab al Zarqawi, did little to affect the group’s strength.”

após terem sido analisados todos os dados obtidos a partir dos documentos encontrados na residência do Líder da al Qaeda em Abbottabad, em 2011 (OWEN, 2012).

O estudo da estrutura interna da al Qaeda Core é bastante incipiente pela falta de informação confiável sobre a sua composição. Embora muito tenha sido obtido na operação *Neptune Spear*, a partir de 2011 o conhecimento sobre a organização em si voltou a ser incipiente (BARBER, 2015). Com isso, uma eficaz análise do comportamento da al Qaeda Core pós 2011 gera melhores resultados a partir do estudo das suas relações com as afiliadas e de seu posicionamento na rede.

Barber (2015) analisou as relações entre as principais células terroristas, com viés no fundamentalismo islâmico, segundo as conexões entre elas e a intensidade destas conexões. Essas relações foram divididas em dois diferentes grupos: relações positivas, como aquelas que se caracterizam por laços de cooperação; e relações negativas, como as que se caracterizam por laços de atrição ou divergência.

Para balizar sua análise, Barber (2015) dividiu a moldura temporal de seu estudo em quatro diferentes períodos: entre 1996 e 2000; 2001 e 2005; 2006 e 2010; e 2011 e 2013.

O período compreendido entre 1996 e 2000 caracterizou os momentos iniciais da al Qaeda Core e suas primeiras relações. Durante esse período, a AQC, segundo Barber (2015), estabelecia sete relações diretas positivas, das quais três eram de grande intensidade, duas de média intensidade e duas de baixa intensidade.

Nessa primeira janela temporal, a organização se mostrava como um ponto a partir do qual se conseguia conexão com qualquer uma das demais organizações da rede. Nesse período não havia nenhuma célula que não estivesse ligada diretamente à AQC ou a uma de suas afiliadas, conforme mostra a FIG. 1.

Entre 2001 e 2005, período que se sucedeu aos ataques de 11 de setembro, a AQC ganhou grande notoriedade mundial e os reflexos foram observados diretamente nas suas

relações com as demais organizações.

De acordo com Barber (2015), nesse período a AQC tinha oito conexões, todas positivas, das quais quatro eram de grande intensidade, duas de média e uma de baixa, conforme a FIG. 2.

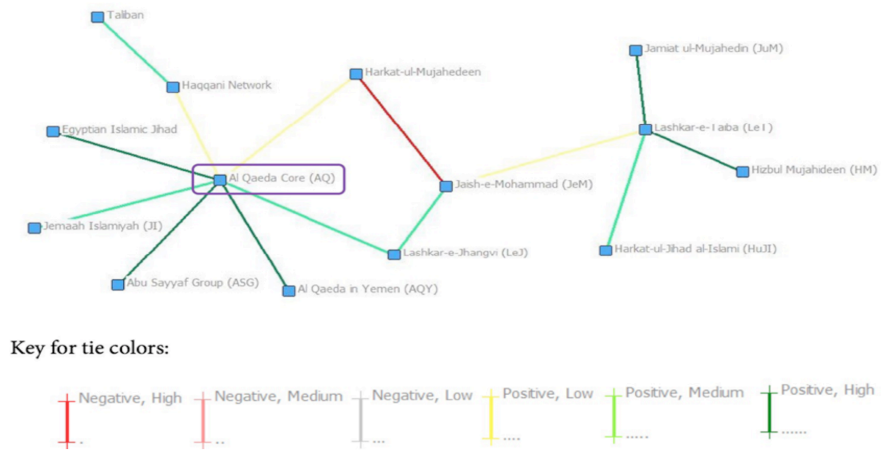


FIGURA 1 – Relações em rede da al Qaeda Core entre 1996 e 2000
Fonte: BARBER, 2015.

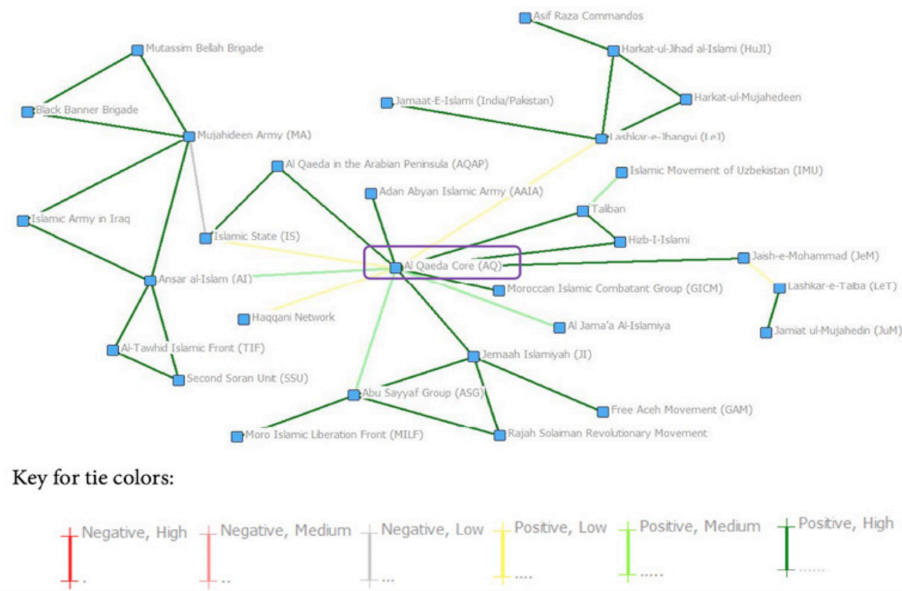


FIGURA 2 – Relações em rede da al Qaeda Core entre 2001 e 2006
Fonte: BARBER, 2015.

Para Barber (2015), entre 2006 e 2010 não houve um acréscimo significativo de novos atores à rede, porém as conexões sofreram relevantes modificações. A AQC permaneceu com as mesmas oito conexões positivas, entretanto houve pequenas alterações na

intensidade das mesmas.

Uma das alterações mais significativas desta janela temporal foi o surgimento de conexões independentes. Pela primeira vez, no estudo de Barber (2015), a rede não se encontrou totalmente conectada, surgiram novos polos conectados de maneira independente e fortes conexões negativas entre algumas células.

Segundo Barber (2015), um outro significante aspecto a ser considerado foi o aparecimento de outros pontos centrais de conexão, além da AQC, ligados aos seus próprios afiliados. Um exemplo desses novos pontos, para Barber (2015), é a organização *Tehreek-e-Taliban Pakistan* (TTP)⁶⁹, como mostra a FIG. 3.

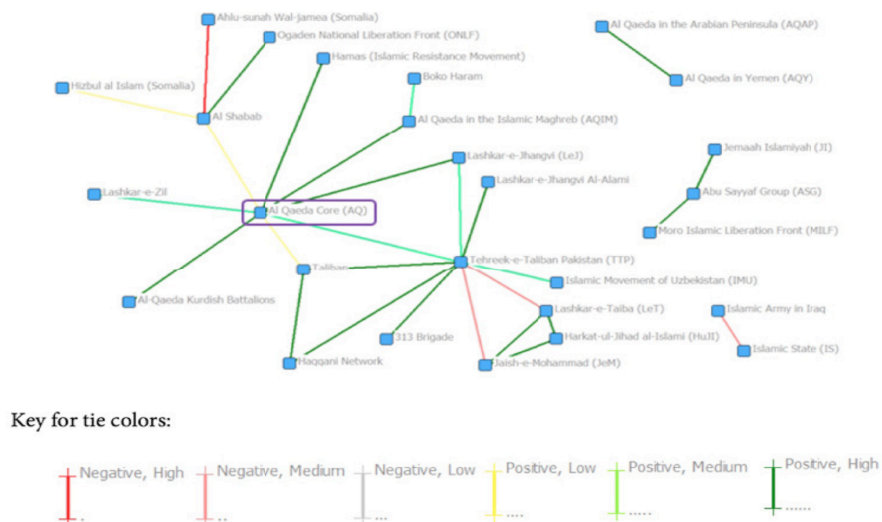


FIGURA 3 – Relações em rede da al Qaeda Core entre 2007 e 2010

Fonte: BARBER, 2015.

As maiores alterações observadas no comportamento da rede se deram no período pós 2011, como mostra a FIG. 4. De acordo com Barber (2015), um dos fatores de força fundamentais para a al Qaeda é o culto a personalidades e, seguindo este raciocínio, a morte de bin Laden interferiu decisivamente no enfraquecimento da AQC. Entretanto, para Barber (2015), apesar da morte de seu líder ter sido um fator preponderante, o desgaste sofrido pela al Qaeda Core ao longo dos 10 anos de intervenção estadunidense no Afeganistão e no Paquistão, também contribuiu para a diminuição do poder da al Qaeda e a fragmentação da

⁶⁹ Grupo armado extremista, sediado no Paquistão, fundado em 2007, composto, em sua maioria, por membros do Talibã.

rede como um todo.

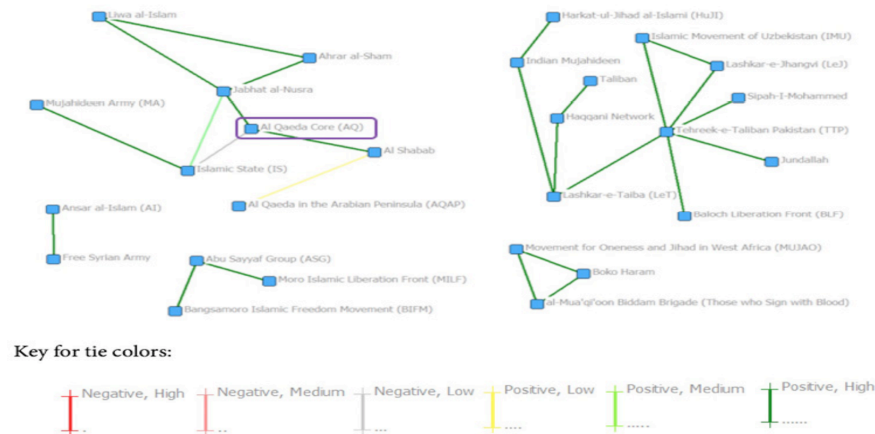


FIGURA 4 – Relações em rede da al Qaeda Core entre 2011 e 2013

Fonte: BARBER, 2015.

Neste marco temporal, a AQC deixa de ser o elo principal da rede e passa a estabelecer apenas dois laços positivos e, como mais uma marca de seu enfraquecimento, surge um laço negativo entre seus relacionamentos diretos.

Para Gartenstein e Barr (2018), esses dois laços positivos que permanecem ligados à AQC se justificam devido a interações históricas entre as três células e sua intensidade é o resultado da canalização das interações que haviam com as demais células para somente as duas restantes.

A expansão geográfica aumentou a possibilidade de afiliados terem interesses que diferiam dos interesses da al Qaeda Core. Cultura local e dinâmicas sociais e políticas têm um profundo efeito nas estratégias, táticas e preocupações dos afiliados. Os afiliados talvez tendam a priorizar suas considerações locais ao invés dos interesses da al Qaeda Core. Preferências e divergência talvez sejam fruto de seus comandos regionais que passam a se ver autônomos e, por vezes, superiores à organização central. A al Qaeda Core pode usar incentivos, como apoio ou recursos, para manter seus afiliados, mas essa forma coercitiva de poder se torna ineficaz ao passo que seus afiliados conseguem novas fontes de recurso⁷⁰ (Gartenstein; Barr, 2018, p.3, tradução nossa).

Para Mazzetti (2011), o aumento no número de grupos radicais islâmicos

⁷⁰ No original: “But geographic expansion increased the possibility that affiliates would have interests that differed significantly from those of al-Qaeda Central. Local cultural, social and political dynamics have a profound effect on the strategy, tactics, and concerns of affiliates. Affiliates may be inclined to prioritize their local considerations over the global agenda of al-Qaeda Central. Preference divergence may also result from regional commanders who begin to view themselves as autonomous from – or even superior to – the core organization. Al-Qaeda Central can use sticks and carrots—like withholding funds and other resources—to deter affiliates from going rogue, but such coercive power is greatly diminished when affiliates develop alternative sources of funding.”

concorreu para a descentralização da rede. A instalação das células em diferentes países, que na maioria das vezes enfrentava crises de corrupção em seus governos, foi mais um ingrediente para o seu fortalecimento nesses países. Como consequência, evidencia-se o aumento da falta de controle da al Qaeda Core sobre seus afiliados (MAZZETTI, 2011).

Um dos fatores de força desses grupos é a veiculação de suas ideias e a repercussão de suas ações por intermédio da mídia. De acordo com Gartenstein e Barr (2018), a separação física entre as células e o desenvolvimento de suas próprias mídias, fez com que elas, por vezes, tivessem uma narrativa dissonante daquela defendida pela AQC, o que fomentou ainda mais a independência das mesmas.

Segundo Mazzetti (2011), a partir de 2009 as células afiliadas à rede cresciam exponencialmente ao passo que a AQC se enfraquecia e, ainda sob a ótica deste autor, a morte de Osama bin Laden foi apenas um catalizador para esse declínio. Mazzetti cita que: “Os operadores da al Qaeda no Paquistão são como um motorista segurando um volante que não está mais conectado ao carro”⁷¹(MAZZETTI, 2011, p.2, tradução nossa).

⁷¹ No original: “*Al Qaeda’s operatives in Pakistan resemble a driver holding a steering wheel that is no longer attached to the car*”.

5 CONCLUSÃO

Embora sempre tenha havido a prática de atos terroristas, a partir de 11 de setembro de 2001 se tornou latente a necessidade de entender e combater de forma mais contundente esses atentados, quem os pratica e seus apoiadores.

A Guerra ao Terror foi selecionada como alvo deste estudo por se tratar do combate ao terrorismo com a mentalidade pós 2001. Esse conflito adotou posturas distintas durante seu desenvolvimento tanto quanto ao modo de agir dos militares estadunidenses e seus aliados como também com relação aos seus objetivos. Destarte, o estudo limitou-se a uma moldura temporal na qual figuraram como presidentes dos EUA George W. Bush e Barack Obama.

O ator fundamental para essa mudança mundial de postura com relação ao terrorismo foi o grupo radical islâmico al Qaeda. Dessa forma, o trabalho trata em seu capítulo 2 do histórico e evolução desse grupo, e de sua relação com seu fundador, Osama bin Laden.

Ainda nesse capítulo, se observou em detalhes os ataques de 11 de setembro de 2001 desde seu planejamento até o desencadeamento dos atentados.

No capítulo seguinte estudou-se a reação norte-americana traduzida na Guerra ao Terror. Buscou-se definir claramente as expectativas estadunidenses, no nível político, para a campanha ao longo de seu curso em ambos os mandatos presidenciais. Os objetivos políticos norte-americanos se alteraram no decorrer do período selecionado pelo estudo, se tornando menos generalistas com o passar do tempo.

No início da Guerra ao Terror, Bush determina a extinção de todo grupo que promova o terrorismo no mundo como objetivo político estadunidense na campanha. Sua maneira generalista de definir a meta a ser alcançada pelos EUA se justifica pela ausência de informações acerca do que estava sendo enfrentado.

Já Obama, que assume a presidência dos EUA após terem transcorridos oito anos de investida militar, define claramente bin Laden como um dos objetivos prioritários dos EUA.

A mudança na definição dos objetivos políticos dos EUA para a Guerra ao Terror, de generalista para mais específico, no decorrer da campanha, não se pode afirmar que ocorreu em função de mudança de postura política com relação ao conflito. O mais provável é que o amadurecimento dos conhecimentos sobre a organização terrorista tenha permitido a seleção de alvos mais específicos, como por exemplo seus líderes.

A reação estadunidense aos atentados terroristas de 11 de setembro culminou na operação que pôs fim à vida de Osama bin Laden, a operação *Neptune Spear*, considerada um dos principais marcos da campanha norte-americana. Dada sua relevância e suas consequências, essa operação foi selecionada como ponto focal do estudo.

Na seção que tratou da operação em lide, o trabalho buscou descer ao detalhamento no nível tático, para que se pudesse analisar seus resultados sob essa perspectiva e se pudesse responder, em sua plenitude, a pergunta formulada pelo trabalho.

Um dos principais ganhos dessa operação foi a obtenção de informações relevantes sobre a organização, motivações e o modo como operava a al Qaeda. No último capítulo de desenvolvimento, observou-se claramente a mudança no entendimento estadunidense sobre a al Qaeda.

A partir desse momento, os EUA passaram a ter um pleno conhecimento da relevância que os grupos afiliados a al Qaeda tinham para a organização principal. Depreende-se que não se tratava apenas de um grupo terrorista, mas sim de uma rede espalhada por diversos países. Surge então a definição de al Qaeda Core para especificar o grupo que havia sido fundado por bin Laden e que se estabeleceu no Afeganistão durante o início da Guerra ao Terror e que, posteriormente, veio a instalar-se no Paquistão.

Quando Bush definiu, no início da campanha militar, a destruição da al Qaeda como um dos objetivos estadunidenses, ele estava se referindo à al Qaeda Core e não à complexa rede terrorista nucleada por ela, e o reflexo desse entendimento foi restringir o esforço norte-americano ao Iraque, ao Afeganistão e ao Paquistão.

Ainda no quarto capítulo, é feita uma análise das relações em rede desenvolvidas pelas células terroristas, de onde se depreende o grau de importância atribuído à al Qaeda Core pelos elementos da rede ao longo do tempo. Em um primeiro momento, a AQC estabelece uma relação de liderança com relação às suas afiliadas. Com o aumento no número de células terroristas compondo a rede, ocorre uma natural descentralização de poder que é agravada por fatores sociais e culturais dos países que as hospedam.

Desta análise conclui-se que, embora tenha havido um enfraquecimento da AQC ao longo dos anos, seja pelo desgaste da Guerra ao Terror, seja pela morte de Osama bin Laden, a rede terrorista se manteve resiliente.

A questão elaborada pelo estudo foi: A morte de Osama bin Laden caracterizou uma vitória norte-americana nos níveis político e tático? De acordo com o descrito nesse capítulo pode-se concluir que a morte do líder terrorista representou uma vitória para o nível tático, entretanto não atendeu às expectativas do nível político.

No nível político, embora tenha sido definido por Obama como um dos principais objetivos nacionais, a morte de bin Laden não pôs fim à ameaça terrorista no mundo, objetivo que havia sido definido por Bush ao iniciar a Guerra ao Terror. O próprio vulto atribuído por Obama ao sucesso da operação *Neptune Spear* é controverso, visto que a Casa Branca precisava justificar ao povo norte-americano os gastos ao longo dos 10 anos de conflito.

No nível tático, embora tenha havido o incidente com um dos meios envolvidos na operação, a mesma ocorreu sem que houvesse a necessidade de acionamento de nenhum plano contingente. Seu objetivo foi atingido sem que houvesse qualquer baixa estadunidense e

as perdas materiais foram irrelevantes dado o vulto da operação. As baixas verificadas foram resultado da resposta dos elementos de assalto às ameaças que lhes surgiram. O somatório dos fatos citados caracteriza o sucesso tático da operação.

Torna-se latente, em face das conclusões obtidas neste trabalho, que a luta contra o terrorismo jamais se resumirá a campanhas militares pontuais. Esse combate exigirá esforços de diversas expressões do poder nacional de um país.

A eficácia da estratégia estadunidense no combate ao terrorismo, no sentido de prevenir a realização de novos atentados terroristas e enfraquecer a atuação das células terroristas ao redor do mundo, adotada pelo governo do presidente Donald Trump (2017-dias atuais) e sua relação com as estratégias adotadas por Bush e Obama, serve como objeto de estudo para futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS

- AMADEO, Kimberly. *War on Terror Facts, Costs, and Timeline*. 25 jun. 2019. Disponível em: <<https://www.thebalance.com/war-on-terror-facts-costs-timeline-3306300>>. Acesso em: 15 jul. 2019.
- ATWAN, Abdel Bari. *A história secreta da Al-Qaeda*. São Paulo: Larousse, 2008.
- BAKKER, Edwin; BOER, Leen. *The evolution of Al-Qaedaism Ideology, terrorists, and appeal*. Den Haag: Netherlands Institute of International Relations Clingendael, 2007
- BARBER, Victoria. *The Evolution of Al Qaeda's Global Network and Al Qaeda Core's Position Within it: A Network Analysis*. 2015. Disponível em: <<http://www.terrorismanalysts.com/pt/index.php/pot/article/view/469/html>>. Acesso em: 04 jun. 2019.
- BLANCHARD, Christopher M. *Al Qaeda: Statements and evolving ideology*. Congressional Research Services. 9 jul. 2007. Disponível em: <<http://www.fas.org/sgp/crs/terror/RL32759.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2019.
- BODANSKY, Yossef. *Bin Laden: O homem que declarou guerra à América*. São Paulo: Ediouro, 2001.
- BONANATE, Luigi. *A guerra*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- BRASIL. Estado-Maior da Armada. *EMA-137*. Doutrina de Liderança na Marinha. Brasília, 2009.
- BRASIL. Estado-Maior da Armada. *EMA-305*. Doutrina Básica da Marinha. Brasília, 2014.
- BURKE, Jason. *Al-Qaeda – A verdadeira história do radicalismo islâmico*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- CONGRESSIONAL RESEARCH SERVICE. *Department of Defense Contractor and Troop Levels in Afghanistan and Iraq: 2007-2018*. 10 maio 2019. Disponível em: <<https://fas.org/sgp/crs/natsec/R44116.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2019.
- FRANÇA, Lessa Júnia; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual para Normalização de Publicações Técnico-Científicas*. 8. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- GARTENSTEIN, Daveed; BARR, Nathaniel. *How Al-Qaeda Works: The Jihadist Group's Evolving Organizational Design*. 01 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.hudson.org/research/14365-how-al-qaeda-works-the-jihadist-group-s-evolving-organizational-design>>. Acesso em: 27 jun. 2019.
- GERGES, Fawaz A. *The rise and fall of al-Qaeda*. New York: Oxford University Press, 2011.
- GREENBERG, Karen J. (org.). *Al-Qaeda – Uma análise do terrorismo actual*. Trad. Isabel Dias Amaral. Lisboa: Estampa, 2007.

HOFFMAN, Bruce. *The Leadership Secrets of Osama bin Laden*. Abr. 2003. Disponível em <[The Leadership Secrets of Osama bin Laden](#)>. Acesso em 03 jun. 2019.

MARKS, Julie. *How SEAL Team Six Took Out Osama bin Laden*. 24 maio 2018. Disponível em: <<https://www.history.com/news/osama-bin-laden-death-seal-team-six>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

MAZZETTI, Mark. *Al Qaeda Affiliates Growing Independent*. 29 ago. 2011. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2011/08/30/world/asia/30qaeda.html>>. Acesso em: 07 jul. 2019.

METZGER, Tobias. *Social Movement Theory and Terrorism: Explaining the Development of Al-Qaeda*. *Inquiries Journal/Student Pulse*, v. 6, n. 9, p. 1–14, 2014. Disponível em: <<http://www.inquiriesjournal.com/articles/916/social-movement-theory-and-terrorism-explaining-the-development-of-al-qaeda>>. Acesso em 18 jun. 2019.

_____. Ministério da Defesa. MD35-G-01. Glossário das Forças Armadas. Brasília: Ministério da Defesa, 5. ed., 2015b.

_____. Ministério da Defesa. MD34-M-03. Manual de Emprego do Direito Internacional dos Conflitos Armados (DICA) nas Forças Armadas. 2011.

MINGST, Karen A. *Princípios de Relações Internacionais*. 6. ed. Trad. Cristina de Assis Serra. São Paulo: Elsevier, 2014.

OBAMA, Barack. *Obama's Remarks on Iraq and Afghanistan*. 15 jul. 2008. Disponível em <<https://www.nytimes.com/2008/07/15/us/politics/15text-obama.html>>. Acesso em: 14 jul. 2019.

OBAMA, Barack. *Remarks by the President on a New Strategy for Afghanistan and Pakistan*. 27 mar. 2009. Disponível em: <<https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/remarks-president-a-new-strategy-afghanistan-and-pakistan>>. Acesso em: 02 jul. 2019.

OBAMA, Barack. *Remarks by the President Osama Bin Laden Dead*. 01 mai. 2011. Disponível em: <<https://obamawhitehouse.archives.gov/blog/2011/05/02/osama-bin-laden-dead>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

OBAMA, Barack. *President Barack Obama's State of the Union Address*. 28 jan. 2014. Disponível em: <<https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/2014/01/28/president-barack-obamas-state-union-address>>. Acesso em: 02 jun. 2019.

OWEN, Mark. *Não há dia fácil*. Trad. Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Paralela, 2012.

PALLISTER, David. *Chilling call to arms*. *The Guardian*, v. 13 Sept. 2001. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2001/sep/13/september11.usa20>>. Acesso em 25 mar. 2019.

ROBINSON, Chase. *Islamic Historiography*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

SANT'ANNA, Ivan. *Plano de Ataque*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI). Disponível em <<https://www.sipri.org/sites/default/files/SIPRIYB201005A.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2019.

The 9/11 Comission Report. Disponível em <<https://www.9-11commission.gov/report/911Report.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

WASDIN, Howard E.; TEMPLIN, Stephen. *Seal Team Six*. Trad. Drago. São Paulo: Seoman, 2012.

WRIGHT, Lawrence. *O Vulto das Torres: A Al-Qaeda e o caminho para o 11/09*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ZIMMERMAN, Katherine. *The al Qaeda network: a new framework for defining the enemy*. 2013. Disponível em: <https://www.criticalthreats.org/wp-content/uploads/2016/07/Zimmerman_the_al_Qaeda_Network_September_2013-1.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2019.